
Mulheres Negras Artistas Visuais e as Disputas por Afirmação nas Redes Sociais: Uma Ponte Entre o Brasil e o Panamá¹

Ana Paula ALMEIDA²

Luiz Carlos PINTO³

Universidade de Católica de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Esse texto se propõe o seguinte problema de pesquisa: qual o impacto dos algoritmos na dinâmica produtiva e de comercialização de artistas visuais negras que usam redes sociais como o Instagram para difundir e vender seus trabalhos? Para sugerir algumas respostas, a reflexão seguinte se debruçou sobre os modos de utilização desta rede social por duas artistas (uma brasileira e outra panamenha). A pesquisa que resultou neste artigo também analisou de forma comparativa, utilizando um software de análise de redes, a performance de artistas visuais brancas durante 30 dias. Concluímos que essas disputas, no que diz respeito à visibilidade e autorrepresentação, está relacionada com a exclusão dos grupos subalternizados nestes espaços. Como decorrência, mesmo que as artistas visuais negras tenham pleno acesso às redes sociais, sua visibilidade e alcance de seguidores ainda é relativamente pequeno em relação a artistas visuais brancas.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres negras; redes sociais; racismo algorítmico; visibilidade; consumo digital.

INTRODUÇÃO

As mulheres sempre estiveram presentes no campo das artes desde o mundo antigo. Relatos de autores da Roma e da Grécia antiga citam que mulheres privilegiadas advindas de famílias ricas, com especialidades em determinadas áreas artísticas e que tinham autorização para ter acesso à educação deixaram sua marcas na história da arte, mesmo que não haja vestígios dessas obras de arte criadas por elas atualmente. (ANDERSON; ZINSSER, 2018, p.85)

Devido ao contexto histórico do silenciamento patriarcal imposto às mulheres, em muitas esferas do campo do saber, a produção artística tanto de mulheres brancas como de mulheres negras sempre foi invisibilizada, sendo que estas últimas foram e ainda são as mais marginalizadas ao longo da história. Observa-se ainda a lacuna temporal nos

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Indústrias Culturais PPGIC-UNICAP, e-mail: ana.2021607015@unicap.br.

³ Professor do Curso de Jornalismo e Coordenador do Mestrado em Indústrias Culturais PPGIC-UNICAP, e-mail: lula.pinto@unicap.br.

livros sobre a história das mulheres negras, como se estas não tivessem tido nenhuma contribuição para a história universal.

Os primeiros nomes lembrados nas artes visuais são sempre de homens brancos como Van Gogh ou Franz Proust. Entre as mulheres brancas podemos citar Anita Malfatti e Tarsila do Amaral. Entretanto, as mulheres negras tiveram pouca ou nenhuma visibilidade no circuito das artes, tanto na criação como na sua representação nas obras.

Na história das artes plásticas, pouco se fala da pintora brasileira, nascida em Minas Gerais, Maria Auxiliadora da Silva (1935-1974) que foi uma empregada doméstica que deixou os cuidados do lar pela tinta, a tela e o pincel. Todavia, é importante ressaltar que ela era autodidata e não tinha qualquer formação em educação artística, não frequentou nenhuma escola de Belas Artes, pois teve que deixar a educação formal para trabalhar muito cedo. (GABRIEL, 2018) Logo, as mulheres negras artistas sempre estiveram trabalhando no cenário das artes visuais, apesar dos processos discriminatórios que ainda se perpetuam através do passado colonial que continua presente nos dias atuais.

Na década de 1960, temos como exemplo de luta, pela visibilidade e reconhecimento nas artes, as mulheres negras norte-americanas que já reivindicavam o seu lugar na história. bell hooks, no seu livro “Anseios” (2019) cita a artista norte-americana Faith Ringgold, pois ela sempre celebrou a produção artística de mulheres negras que não estavam no circuito das artes plásticas. O trabalho artístico de Ringgold é conhecido pelas suas colchas de retalhos narrativas através do que reivindica que as mulheres negras deviam contar a sua história - tem um forte laço com as lembranças familiares de hooks, já que sua avó e sua mãe também realizavam este trabalho feito à mão.

hooks relata que as mulheres brancas terminavam recebendo o título de reconhecimento pela feitura deste trabalho, como se as mulheres negras não tivessem participação neste tipo de trabalho artesanal. Por isso, em seu artigo “Heranças estéticas: a história feita à mão”, a escritora lembra e louva o nome de suas matriarcas em relação a esse apagamento histórico.

Quero dizer agora o nome dela, Sarah Hooks Oldham, filha de Bell Blair Hooks. Ambas eram tecedoras de colchas de retalhos. Digo o nome delas como uma forma de resistência, para me opor ao apagamento das mulheres negras — essa marca histórica da opressão racista e machista. Muitas vezes não temos nomes, nossa história é registrada sem especificidade, como. Se não fosse importante saber quem – qual de nós —, ou seja, os pormenores. (HOOKS, 2019, p. 232)

A afirmação de hooks é corroborada pelo depoimento de Lélia Gonzalez, onde ressalta que “... a mulher negra anônima sustentáculo econômico, afetivo e moral da sua família é quem, a nosso ver, desempenha o papel mais importante...” (GONZALEZ, p. 64, 2020) em nossa sociedade, pois é base da pirâmide social que movimenta e modifica as estruturas de toda a sociedade, como também afirmou Angela Davis. (MARTINELLI, 2019)

As mulheres negras sempre estiveram atuando ativamente no mercado de trabalho, no entanto, conforme Oliveira e Lima, são as “...as que carregam os estigmas do machismo, preconceito de classe e do racismo...”, mesmo sendo “...importantes fontes de colaboração para o desenvolvimento de melhorias coletivas” (OLIVEIRA; LIMA, 2020, p. 217) e do ciclo reprodutivo do próprio sistema capitalista (FEDERECI, 2017).

Entretanto, as mulheres negras, apesar de terem conseguido alguns avanços no cenário educacional e profissional atual e de comporem o maior grupo demográfico do País, com 28% de mulheres negras, 27% de homens negros, 23% de mulheres brancas, 20% de homens brancos e 2% de indígenas e amarelos, de acordo com os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE-PNAD, 2019), ainda são minorias em cargos de liderança: menos de 6%, por exemplo, foram contratadas no Estado de São Paulo, segundo o levantamento realizado pela plataforma Quero Bolsa/CAGED (RIBEIRO, 2020).

No campo das artes visuais, as mulheres negras também lutam para se reafirmar e consolidar a sua arte, mas também se reinventar não somente afrontando o setor mercadológico, mas também para “...refletir sobre as possibilidades das práticas artísticas e curatoriais de maneira a construir novas políticas do ver...” (OLIVEIRA; REVIGNET, p. 162, 2021) que possibilitem uma nova episteme dialógica e imagética mais inclusiva e com o protagonismo das mulheres negras.

Com o advento das redes sociais, veremos mais adiante que o afroempreendedorismo vem se desenvolvendo no Brasil. Uma boa referência disso é o “Movimento Black Money” que tem impulsionado as empreendedoras negras a aprender e dominar o uso dos recursos tecnológicos. Nesse sentido, Silvana Bahia, diretora do Olabi e idealizadora do Pretalab afirma que é de suma importância a inserção das mulheres negras neste processo tecnológico. (PRETALAB, 2018)

Antes, vale ressaltar que o afroempreendedorismo não pretende levantar um muro entre bancos e negros no mercado, longe disso, almeja que sejam criados mais postos de

trabalhos para pessoas negras. Entretanto, o afroempreendedorismo possui as suas variantes, multiplicidades e complexibilidades. Segundo Oliveira (2019, p. 21), este campo ainda está em processo de desenvolvimento e traz consigo vários fatores como o racismo, renda, educação, etc., que influenciam esse setor do mercado.

No afroempreendedorismo temos diversos segmentos, mas neste texto focaremos nas artistas visuais negras que usam os recursos tecnológicos para promover e vender as suas obras, suas marcas e, além também, de buscarem estratégias de resistência, como uma contra-narrativa e enfrentamento fazendo uso de “brechas tecnológicas” nas disputas por recursos, espaço mercadológico, visibilidade e reconhecimento.

O termo “brecha tecnológica”, citado por Lima e Oliveira indica a reprodução dessa desigualdade no universo tecnológico pela ausência de mulheres negras, brancas ou grupos minoritários que são excluídos por terem dificuldades de acesso à educação ou ter algum tipo de acesso as ferramentas tecnológicas de forma passiva e não como gerador de conhecimento. (LIMA; OLIVEIRA, 2020, p. 3)

Essas artistas visuais querem contribuir para desconstruir as hierarquias estabelecidas no campo das artes visuais que levam a processos de silenciamento e, com isso, buscam “...uma forma de promover diversidade e transformar as linguagens codificadas em narrativas que elas desejam contar, a partir de suas perspectivas.” (CABRAL, 2019, p. 3) As redes sociais têm contribuído muito para essa contínua expansão dos negócios de muitas afroempreendedoras, mas ao mesmo tempo elas precisam lidar com o racismo, com ofensas, xingamentos ou agressões no meio virtual.

Há ainda um outro fator que está relacionado com as próprias plataformas que é o racismo algorítmico que de acordo com Silva pode (2019, p. 4) “...reproduzir relações de poder e opressão já existentes na sociedade...”, além de induzir os seus usuários a visualizarem alguns conteúdos em detrimento de outros, ou seja, os conteúdos de artistas não negros possuem mais seguidores e tem um alcance de público bem maior que os influenciadores negros ou negras. Esse fator incide sobre a comercialização de obras das e dos artistas negros.

Através de pesquisa nas redes sociais discutiremos neste texto a experiência de duas artistas visuais negras: a brasileira, Íldima Lima, dona do perfil no Instagram @illiartefativa, e de Giana De Dier que é panamenha com seu perfil no Instagram chamado @gianadedierstudio. A escolha foi conduzida pela necessidade de estabelecer mais pontes analíticas sobre experiências de produção artística africana e afrodiaspórica

que ocorrem entre países hispano-americanos e o Brasil. A escolha também se coloca como uma forma de reconhecer o talentosíssimo trabalho destas duas artistas visuais.

Neste artigo coloca-se as seguintes questões: qual o impacto dos algorítmicos na dinâmica produtiva de comercialização de artistas visuais que usam as redes sociais como o Instagram para difundir e comercializar seus trabalhos? Como se dá a questão da disputa por visibilidade e por autorrepresentação em territórios em disputa e de disputa com as redes sociais e, mas precisamente no Instagram? Com essas questões não se quer descuidar do fato de que esses recursos tecnológicos foram gerados no capitalismo que sempre restringiu, regulou ou negou esses espaços às populações negras e ameríndias.

ARTISTAS EM REDE

A construção da autorrepresentação é especialmente importante para as mulheres negras, em função das experiências interseccionais de opressão que sofrem com o racismo, o sexismo e de classe social, o que contribui para criação e perpetuação de controle da imagem da feminilidade negra. Segundo Gonzalez, quando falamos da estética da mulher negra ou do homem negro, somos levados a “...uma relação direta do termo negro com tudo aquilo que é mau, indesejável, feio, sujo, sinistro, maldito, etc.” (GONZALEZ, 2020, p. 242)

Essa imposição estética que remete a um passado colonial escravocrata sobre a imagem da mulher negra, nos permite compreender a importância da apropriação das redes sociais pelas mulheres negras como forma de se libertar das amarras de ser a Outra, como explica Collins, “...quando nós mulheres negras, nos autodefinimos, rejeitamos claramente o pressuposto de que aqueles em posição de autoridade para interpretar nossa realidade têm o direito de fazê-lo.” (COLLINS, 2019, p. 206)

Com o objetivo de criar uma contra-narrativa visual, trilhando novas identidades e livres de estereótipos, as duas artistas visuais mencionadas estão buscando através da sua arte mostrar que as mulheres negras podem utilizar as redes sociais como resposta a essa invisibilidade, além de participar com a comercialização de suas obras dentro do setor das indústrias criativas.

Começamos nosso percurso com a artista visual negra, Íldima Lima, brasileira, soteropolitana, residente em Recife desde 2013. Formada em Relações Públicas pela Universidade do Estado da Bahia (2014), trabalhou na implementação de projetos de Comunicação e Responsabilidade por 12 anos. Somente em 2015 passou a se dedicar as

atividades artísticas, depois de receber o título de Especialista em Estudos Cinematográficos pela Universidade Católica de Pernambuco.

Figura 1 – Íldima Lima



Figura 2 – Pintura de uma mulher da etnia Himba



Fonte das imagens: Exposição Negras Cabeças de Íldima Lima

Seu perfil na rede social Instagram como artista visual é o @illiarteafetiva, que passou a existir em 2017 para compartilhar suas pinturas com técnicas variadas, principalmente a aquarela, em superfícies diversas como a cerâmica, a tela e a estamparias, como ela mesmo diz na biografia do seu perfil, sua militância em poemas visuais. O perfil está sempre ativo, com publicações frequentes e com acesso aberto ao público. Íldima criou sua marca autoral “illi arte afetiva” com o objetivo de promover o protagonismo da mulher negra nas artes visuais.

No mês de julho de 2001, lançou a exposição virtual gamificada “Negras Cabeças” resgatando a ancestralidade dos penteados e adornos do continente africano, onde retrata mulheres de diversas etnias africanas. A exposição ainda conta com um game, que permite que o visitante possa conhecer as obras em um ambiente virtual das paisagens africanas.

Em relação a essa ressignificação da internet para que as mulheres negras possam estar presentes como agente de mudança, Rocha comenta que apesar de enfrentar dificuldades, elas continuam lutando para criar novos espaços narrativos a partir de suas vivências e buscando “...novas estratégias sociais e políticas.” (ROCHA, 2017, p. 34)

Atualmente, o seu perfil até o dia da escrita desse artigo conta com 6.800 seguidores, com 491 publicações e seguindo 570 outros perfis. Os conteúdos compartilhados são predominantemente no formato de fotos com textos no feed, com apenas 28 reels e 20 publicações no formato vídeo. As postagens dos conteúdos são voltadas para o seu trabalho artístico com as imagens de suas pinturas, cerâmicas e estamparias. A artista visual também realiza enquetes sobre o seu trabalho artístico para interagir com os seus seguidores.

No período analisado de 30 dias, de 02 de julho a 31 de julho, a postagem com o maior número de curtidas, 534 likes⁴, é a foto de Íldima segurando o jornal Diário de Pernambuco, com a publicação da reportagem sobre sua exposição virtual “Negras Cabeças⁵” que estará disponível até dezembro de 2021 e a foto com menos curtidas, 16 likes⁶, é uma foto sobre as mulheres Himba que estão representadas na sua exposição. Com o lançamento da exposição neste mês de julho, acreditamos que o percentual de comentários foi impulsionado com um aumento de 38% e de 116% de engajamento, dados estes coletados no SocialInsider no período citado acima⁷.

A outra artista visual escolhida para essa análise é a panamenha, Giana De Dier, que estudou Artes Visuais na Universidade do Panamá, pintora e desenhista, seus trabalhos já foram expostos na Itália e Estados Unidos. Sua arte se aprofunda em temas como memória, identidade e representação, reimaginando seu Caribe ancestral através das imagens da diáspora africana. Além disso, sua arte conecta passado e geografia, quando mostra as histórias da comunidade afro-caribenha que migrou por causa da construção do Canal do Panamá e seus descendentes.

Figura 3: Giana De Dier



Figura 4: Emergence – Digital collage



Fonte das imagens: Perfil do Instagram de Giana de Dier

De Dier utiliza a colagem onde mistura imagens que fetichizam o corpo negro como exótico, tornando-o um corpo que se divorcia dessa experiência feminina e da sua própria narrativa para reformular velhas crenças, criando assim novas perspectivas para a negritude. Outra vez voltamos ao tema das “imagens de controle” que segundo Collins (2019) distorcem a imagem da mulher negra, impedindo que ela possa se autovalorizar e, com isso, ameaça as estruturas de poder vigentes que não desejam permitir que essas mulheres tenham o controle do seu próprio comportamento.

⁴ Esses dados foram coletados no pela plataforma SocialInsider de 02 de julho até o dia 31 de julho de 2021, data de finalização da escrita deste artigo.

⁵ Exposição virtual gamificada “Negras Cabeças” de Íldima Lima <https://negrascabecas.art/>

⁶ Esses dados foram coletados no pela plataforma SocialInsider de 02 de julho até o dia 31 de julho de 2021, data de finalização da escrita deste artigo.

⁷ Esses dados foram coletados no pela plataforma SocialInsider de 02 de julho até o dia 31 de julho de 2021, data de finalização da escrita deste artigo.

Não podemos deixar de destacar que De Dier teve suas colagens publicadas na revista *African Lens*, volume 6, em outubro de 2020, que teve como tema a “Diáspora”. *African Lens* é uma publicação independente e escrita em inglês, em circulação desde 2014, criada para promover os fotógrafos do continente africano e da diáspora.

O perfil de De Dier na rede social Instagram, intitula-se @gianadedierstudio, que contava, até o dia 31 de julho de 2021, data em que os dados foram coletados na plataforma com 3.362 seguidores, com 399 publicações e seguindo 1.608 perfis. Ela possui uma página web que ainda está em reconstrução. Os conteúdos compartilhados mostram o seu processo criativo, suas obras, além de divulgar sua participação em exposições e oficinas.

Em relação ao período da pesquisa utilizamos o mesmo período de 30 dias que foi usado para o levantamento de dados sobre o perfil da artista visual Íldima Lima. No perfil da artista visual panamenha, a foto mais curtida teve 264 likes, onde ela mostra o processo de criação de uma colagem que está relacionada com a história do seu avô para um documentário chamado “Cuscú” no Museu Afroantillano do Panamá. A foto com um número menor de curtidas, apenas 75, foi um detalhe de uma colagem que estava participando de um leilão chamado “Arte salvando vidas” da Fundação Obsequio de Vida.

Em relação ao reels e vídeos, De Dier tem respectivamente, 34 e 19. Ambos sempre mostrando o seu processo de criação de suas colagens. Em seu perfil @gianadedierstudio ao contrário do perfil @illiarteafetiva que apresentou um aumento na taxa de comentários e engajamento, o perfil da artista visual panamenha teve uma queda de 50% de comentários, seguido de uma queda de 38% no engajamento com o público.

O Brasil está em terceiro lugar no ranking dos países com mais usuários ativos no Instagram, aproximadamente 99 milhões, somente perdendo para os Estados Unidos e a Índia, que respectivamente, estão em primeiro e segundo lugar. Considerando esses números e lembrando que o Instagram a 5ª rede mais usada globalmente com mais de 1 bilhão de usuários⁸, nos parece que o número de seguidores das artistas visuais citadas neste artigo poderia ser um pouco mais expressivo nesta rede social. É sobre isso que trataremos nos próximos tópicos do artigo.

⁸ BRASIL é o 3º país com mais usuários ativos no Instagram em 2021. ABC REPÓRTER: o diário. São Caetano do Sul, São Paulo, 15 abr. 2021. Disponível em: <https://abcreporter.com.br/2021/04/15/brasil-e-o-3o-pais-com-mais-usuarios-ativos-no-instagram-em-2021/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

METODOLOGIA

Na presente pesquisa estamos realizando um estudo de caso e análise das redes sociais de dois perfis de artistas visuais no Instagram: @illiarteafetiva, da brasileira Íldima Lima e da panamenha, Giana De Dier, @gianadedierstudio. Para a análise de informações em relação as métricas destes perfis, utilizamos o SocialInsider⁹, um painel de controle intuitivo para análises de mídia social, relatórios e análises de concorrentes para marcas e agências, ou seja, permite realizar um raio-x em perfis de redes sociais e comparações com outros perfis.

O Social Insider coleta dados de plataformas como Facebook, Twitter, Youtube, Tiktok e Instagram, a rede social de referência neste artigo. Além também de uma análise do perfil, entrevistas com cada umas das artistas visuais negras e de um levantamento bibliográfico que aborda questões de raça, gênero, classe e redes sociais. O período de análise de dados foi de 30 dias, de 02 de julho a 31 de julho de 2021, pois acreditamos que um período menor não seria adequado para essa pesquisa já que desejamos mostrar de alguma forma dados que melhor possam expressar nosso problema de pesquisa.

A análise considera ainda a interveniência das tecnologias da informação e comunicação em rede na busca por visibilidade, uma vez que “é preciso ser “visto” para existir no ciberespaço”. (RECUERO, 2020, p. 27) Entretanto, as interações para conseguir visibilidade, nas redes sociais e noutros ambientes telemáticos, podem sofrer a interferência daqueles que criam os algorítmicos, as Big Techs, que possuem objetivos de lucro e não se atentam às disparidades sociais ao seu entorno. Para Rocha, Porto e Abaurre (2020, p.3) não podemos deixar de estar atentos às possíveis consequências deste enviesamento racial através dos algorítmicos que afeta a dinâmica das relações dos usuários, com trabalho e os serviços nas redes sociais.

Neste contexto, foi necessário analisar os perfis das artistas visuais negras @gianadedierstudio e @illiarteafetiva de forma relacional com os perfis de outras artistas visuais brancas, considerando o mesmo período de pesquisa citado acima. Para que a pesquisa pudesse haver uma comparação de dados entre perfis decidimos que selecionaríamos um perfil de uma artista visual branca panamenha e outra artista visual branca brasileira.

⁹Esses dados foram coletados pela plataforma SocialInsider de 02 de julho até o dia 31 de julho de 2021, data de finalização da escrita deste artigo.

Os perfis das artistas visuais brancas selecionadas para essa análise foram os da panamenha Yassy Duque (@yassyduque), que possui 6.211 seguidores e fez sua primeira postagem em 2012; e o da brasileira Elisa Bardellini (@elisasbarderllini) com 6.408 seguidores e que começou a postar a partir de 2016. Comparamos alguns dados dos perfis das panamenhas Giana De Dier e Yassy Duque e de Íldima Lima e Elisa Sbardellini. As comparações foram feitas usando-se os dados fornecidos pela plataforma Social Insider e nos permitiram criar algumas relações entre engajamento, postagens e likes.

Durante o período da pesquisa o perfil de @gianadedierstudio realizou 10 postagens e o perfil da @yassyduque, somente realizou 6 postagens. Quando comparamos com a taxa de engajamento, verificamos que o perfil de @yassyduque teve uma taxa de engajamento de 336% e o de @gianadedierstudio foi de apenas 37%. A taxa de engajamento está relacionada ao número de likes e comentários nas postagens. Podemos perceber que mesmo com menos postagens a taxa de engajamento da artista visual branca é bem mais alto.

Outro fator que nos chama a atenção é que durante esse período de 30 dias @yassyduque não teve nenhum aumento em seu número de seguidores, continuou com o mesmo número até a data final da pesquisa 31 de julho, enquanto @dianadedierstudio saiu dos 3.352 seguidores no dia 25 de julho, para 3.362 até o dia 31 de julho. Vale ressaltar que @yassyduque mantém a estabilidade de seguidores mesmo com um número menor de postagens e sem nenhum aumento de seguidores, ao contrário de @gianadedierstudio que deveria ter um crescimento mais significativo pelo aumento de seguidores e de likes em suas publicações, entretanto se as regras algorítmicas fossem iguais para todos, seu alcance poderia ter sido maior. Com isso, percebemos as desigualdades causadas por este viés inculcido na programação das plataformas de redes sociais.

Isso também demonstra como as artistas negras precisam trabalhar muito mais em suas redes sociais para conseguirem mais seguidores. Um exemplo disso foi a continuidade do movimento #BlackLivesMatter (Vidas Negras Importam) no Brasil por personalidades brancas que cederam temporariamente suas contas no Instagram para que ativistas negros e negras “...pudessem compartilhar seus trabalhos com um novo público, atingindo um número maior de seguidores” (BARBOSA, 2020).

Em relação aos perfis das artistas visuais brasileiras @illiarteafetiva e @elisasbardellini, percebemos que em 30 dias @illiarteafetiva fez 24 postagens e uma

taxa de engajamento de 5149, enquanto @elisasbardellini postou somente 3 vezes durante 30 dias e teve a taxa de 561 de engajamento. Como @illiarateafetiva está promovendo sua exposição neste momento, acreditamos que esse fator possa ter influenciado no crescimento no número de seguidores dentro do período da pesquisa. Seu perfil saltou de 6712, em 17 de julho para 6780 seguidores, em 31 de julho deste ano. Enquanto, @elisasbardellini não teve nenhum crescimento ou queda em relação aos seguidores, permanece com 6.410.

Outro dado relevante é o percentual de seguidores do perfil que estão engajados com as postagens. Em @illiarateafetiva é de 75.806% (crescimento de 116%) enquanto a taxa de @elisasbardellini é de 8.756% (crescimento de 359%). Mesmo que @illiarateafetiva tenha mais seguidores e postagens essa taxa de crescimento no engajamento com as postagens ainda é mais positivo com o perfil de @elisasbardellini.

Observou-se neste estudo de caso que os perfis das artistas visuais brancas apresentam taxas mais positivas em relação aos perfis das artistas negras mesmo quando estas possuem mais seguidores. Também não conseguimos entender porque o número de postagens baixo das artistas visuais brancas ainda permite que elas tenham uma taxa de engajamento alto.

O funcionamento dos algoritmos não é transparente para termos a certeza de como eles “... são usados nas redes sociais virtuais para selecionar e mostrar o que a máquina considera relevante ou não para o usuário, por meio da observação de padrões de navegação...,” (ROCHA; PORTO; ABAURRE, 2020, p. 12) como se a máquina tivesse uma varinha mágica para decidir o que os usuários devem ou não visualizar na sua tela. No próximo tópico, com base neste levantamento das métricas dialogaremos com @illiarateafetiva e @gianadedier sobre as suas percepções a respeito do impacto das redes sociais na comercialização de suas obras artísticas.

ANÁLISE

Fazendo menção a Grada Kilomba (2019) que nos traz uma reflexão sobre “Quem pode falar?”, sobre se a mulher negra subalterna tem o direito de fala em determinados espaços, neste artigo decidimos que era importante ouvir as artistas visuais Íldima Lima e Giana De Dier, buscando sair desse lugar de subalternidade que nos foi imposto por muitos séculos para uma posição de agentes que podem trilhar suas próprias narrativas.

Foi enviado um questionário com cinco perguntas sobre o impacto das redes sociais na comercialização de suas obras. Questionário este que foi prontamente respondido pelas duas artistas com as suas percepções sobre esse tema.

Com a intenção de saber a relação de Íldima e Gina com as redes sociais e o impacto no seu trabalho, as duas responderam que não estão condicionadas às estratégias de aumentar o número de postagens para que tenham mais seguidores ou mudar os seus conteúdos para que se adequem à plataforma.

Íldima afirmou que tem “um ritmo próprio de produção” e que escolheu “não condicioná-lo ao modus operandi do Instagram”. Já Giana afirma que “O que não fiz e não faria é mudar meu trabalho ou temas para moldá-los às necessidades da plataforma”. As duas artistas visuais estão cientes que podem ter uma perda de engajamento, mas se mantém firmes em seus posicionamentos.

Em relação à venda das obras, Giana De Dier tem uma página web, mas precisa de atualização. Segundo ela, as vendas acontecem mais através das redes sociais e das exposições em que ela participa. No caso de Íldima, suas vendas acontecem através de sua página web, ambas entendem de maneira positiva o ambiente digital para comercializar suas obras. Percebemos que se apropriar deste espaço permite que as mulheres negras utilizem a internet como um local de resistência, “...contribui para que elas contem suas próprias histórias,[...],fortalecendo suas reivindicações e desconstruindo o discurso racista, sexista e classista.” (FERNANDES, 2019, p. 137)

Com relação aos casos de ataques sofridos por pessoas negras nas redes sociais com diversos tipos de ofensas relacionados à estética negra ou a capacidade intelectual, as duas artistas relatam que até agora não receberam nenhum tipo de ofensa pelo Instagram.

Tanto Íldima como Giana entendem a existência dos algoritmos e de como isso afeta a comercialização de suas obras. Mas compreendem também que, mesmo com regras do jogo estabelecidas por homens brancos nestas redes sociais que as prejudicam, não podem se furtar a estar presente nesses ambientes em rede, pois elas sabem a importância de se fincar nestes espaços para criar contra-narrativas às imposições da branquitude. O processo de criação das obras das duas artistas visuais começa na manualidade, tanto a pintura de Íldima, como a colagem de Giana. Elas utilizam as ferramentas de edição ou digitalização depois do processo manual, pois permite um alcance maior de suas obras e de forma positiva para a comercialização.

Esse diálogo com as artistas visuais negras nos faz pensar que “... não podemos perder de vista que o ciberespaço é controlado e que os territórios digitais estão em disputa” (CABRAL, 2019, p. 10), mas que a presença das mulheres negras e do seu trabalho é um caminho sem volta, pois não podemos permitir que nossas vozes sejam silenciadas e que nossa história seja contada por outros e outras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação das artistas visuais negras nas redes sociais deve ser incentivada, pois traz uma ruptura na produção artística, no campo das artes, ou seja, na História da Arte, pois nossa produção artística sempre foi invisibilizada pelo status quo da branquitude. Os debates nas redes sociais deixam ser baseados em uma única narrativa, se permitem ser mais plurais, com a participação de mulheres que querem contar a sua própria história dentro da narrativa visual. De acordo com, Raul, “...as redes sociais têm desnudado comportamentos arraigados na mentalidade brasileira, ao mesmo tempo em que possibilitou sua instrumentalização por sujeitos e grupos sociais.” (RAUL, 2019, p. 169)

Nessa mesma linha, podemos apontar como o conhecimento gerado pelas artistas visuais negras permite, a partir de vivências e contextos diferenciados vividos por essas mulheres, uma contra-narrativa visual, onde os corpos negros são ressignificados e mostrados de forma positiva, cada um com as suas diferenças.

Essas possibilidades se chocam com uma outra dimensão das plataformas, serviços e redes sociais, cujas regras ainda segregam a presença, os discursos, os conhecimentos, as estéticas não-brancas. Tais limitações aprofundam e consolidam os históricos processos de exclusão baseadas em raça, gênero, etnia, localização geográfica, orientação sexual, entre outros.

Tanto na obra visual de Íldima Lima como na de Giana de Dier, percebemos a ligação com ancestralidade, com essa África, muitas vezes negada e vista como um continente sem futuro, mas que recebe uma ressignificação através da arte produzida pela diáspora, novas formas expressar a história.

O que se depreende dessa análise relacional é que as Big Techs e seus algorítmicos tratam de forma diferenciada artistas negras e artistas brancas. Em termos massivos, essa discriminação de base algorítmica freia o engajamento das artistas visuais negras, com um viés racista presente nos códigos que reproduz as raízes da desigualdade e da própria produção de riqueza fincadas no passado colonial.

As experiências das artistas analisadas ressaltam a necessidade de se continuar ocupando esses espaços, mas sem perder a autenticidade, como afirmou tanto Íldima (Brasil) e quanto Giana (Panamá). Mesmo estando uma na América do Sul e outra na América Central, o racismo não vê fronteiras e atravessa o tempo, gerações e oceanos, modelos de negócios e novas formas de produção de riqueza. Mas as pontes epistemológicas e estéticas negras estão no embate para contribuir com a construção de espaços virtuais que possam propiciar encontros e respeito à diversidade.

As métricas utilizadas para avaliar o trabalho das artistas visuais negras, como as que foram analisadas nesse artigo, são de extrema necessidade para podermos visualizar as injustiças cometidas por essas plataformas. Somente assim, poderemos responder com embasamento aos argumentos de que não existe nenhum problema nas redes sociais, já que elas estão abertas ao público. Enquanto as próprias empresas que detêm tais serviços não resolvem os casos de racismo algorítmico ou enquanto os Estados não criam formas eficazes de regulação, as mulheres negras continuarão sua luta, com estratégias e suas próprias epistemologias para contar suas próprias histórias – o tamanho do desafio permite arriscar dizer que a narrativa visual não será a mesma no ciberespaço.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. S.; ZINSSER, J. P. **Historia de las mujeres**: una historia propia. Barcelona: Crítica, 2018.
- BARBOSA, J. Famosos cedem Instagram para ativistas negros. **Portal Metrôpoles**, Brasília, 05 jun. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/famosos-cedem-o-instagram-para-ativistas-negros-entenda-o-movimento>. Acesso em: 22 jul. 2021.
- BRASIL é o 3o país com mais usuários ativos no Instagram em 2021. **ABC REPÓRTER: o diário**, São Caetano do Sul, São Paulo, 15 abr. 2021. Disponível em: <https://abcreporter.com.br/2021/04/15/brasil-e-o-3o-pais-com-mais-usuarios-ativos-no-instagram-em-2021/>. Acesso em: 27 jul. 2021.
- CABRAL, C. A. B. Narrativas codificadas: as histórias que as mulheres atuantes em ambiente de produção de tecnologia digital desejam contar. In: **Anais do IV Simpósio Internacional LAVITS – Assimetrias e (In)visibilidades: Vigilância, Gênero e Raça**. Salvador, Bahia, 2019. p. 1-17. Disponível em: <https://lavits.org/anais-do-vi-simposio-internacional-lavits-assimetrias-e-invisibilidades-vigilancia-genero-e-raca/?lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.
- FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**: Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.
- FERNANDES, N. C. Mulheres negras e o espaço virtual: novas possibilidades de atuações e resistência. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v.12, n.40, p. 32-142, jul./dez., 2019. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/9429>. Acesso em: 19 jul. 2021.
- GABRIEL, R. de S. Maria Auxiliadora, uma pintora brasileira. **Época**, São Paulo, 8 mar. 2018. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/cultura/noticia/2018/03/maria-auxiliadora-uma-pintora-brasileira.html>. Acesso em: 15 jul. 2021.

- GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- HOOKS, B. Heranças estéticas: a história feita à mão. In: HOOKS, Bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. São Paulo: Elefante, 2019. 441 p., cap. 12, p. 230-243.
- IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD)**. Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101794>. Acesso em: 12 jul. 2021.
- KILOMBA, G. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LIMA, D. C.; OLIVEIRA, T. Negras in tech: apropriação de tecnologias por mulheres negras como estratégias de resistência. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 59, 2020. p.1-33. Dossiê Tecnopolíticas de gênero. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202000590006>. Acesso em: 03 mai. 2021.
- MARTINELLI, A. Angela Davis: ‘Quando as mulheres negras forem finalmente livres, o mundo será livre’. **Agência Patrícia Galvão**, São Paulo, 21 out. 2019. Disponível em: <https://agenciapatriciagalvao.org.br/destaques/angela-davis-quando-as-mulheres-negras-forem-finalmente-livres-o-mundo-sera-livre/>. Acesso em: 16 jul. 2021.
- OLIVEIRA, N. C. de; REVIGNET, H. C. O. Contra-narrativas visuais e interseccionalidades entre raça e gênero na produção da artista Revignet. **Revista Apotheke**, Santa Catarina, v. 7, n. 1, p. 160-180, abr. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/19833>. Acesso em: 11 jul. 2021.
- OLIVEIRA, T. S. **Redes sociais na internet e a Economia Étnica: um estudo sobre o Afroempreendedorismo no Brasil**. 2019. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://taisoliveira.me/redes-sociais-na-internet-e-a-economia-etnica-um-estudo-sobre-o-afroempreendedorismo-no-brasil/>. Acesso em: 04 jul. 2021.
- OLIVEIRA, T.; LIMA, D. C. Mulheres e tecnologias de sobrevivência: economia étnica e afroempreendedorismo. In: SILVA, Tarcízio (org.). **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiáspóricos**. 2. ed., São Paulo: LiteraRUA, 2021. 280 p., p. 217-233. Disponível em: <https://tarciziosilva.com.br/blog/livros/> Acesso em: 03 jun. 2021.
- PRETALAB. **Um levantamento sobre a necessidade e a pertinência de incluir mais mulheres negras na inovação e na tecnologia**, 2018. Disponível em: <https://www.pretalab.com>. Acesso em: 11 jun. 2021.
- RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2020.
- RAUL, J. M. Entre silêncios e protestos: uma reflexão sobre escrita preta no ciberespaço. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 166-194, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/44955>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- RIBEIRO, F. Negros são 15,5% dos líderes contratados entre janeiro e junho em São Paulo. **Alma Preta: jornalismo preto e livre**, 24 set. 2020, Seção Cotidiano. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/negros-sao-15-5-dos-lideres-contratados-entre-janeiro-e-junho-em-sao-paulo>. Acesso em: 9 jul. 2021.
- ROCHA, T. S. **Mulheres negras e internet: do racismo ao ativismo**. 2017. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/17900>. Acesso em: 18 jul. 2021.
- SILVA, T. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: microagressões e discriminação em código. In: **Anais do IV Simpósio Internacional LAVITS – Assimetrias e (In)visibilidades: Vigilância, Gênero e Raça**. Salvador, Bahia, 2019. p. 1-17. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333700308_Racismo_Algoritmico_em_Plataformas_Digitais_microagressoes_e_discriminacao_em_codigo. Acesso em: 03 mar. 2021.